

O PESSOAL É POLÍTICO: ROMPER COM O INDIZÍVEL POR MEIO DE UMA RÁDIO

Fabiana de Oliveira Benedito¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Ao menos desde a década de 1960, há um esforço sistemático de autoras e militantes feministas em “romper com o tabu da heterossexualidade” (FALQUET, 2012), encarar de modo mais crítico a chamada heterossexualidade compulsória e fazer dos seus afetos cada vez mais políticos. Este esforço passa por caminhos diversos e às vezes tortuosos, inclusive de rupturas e tensionamentos com outros movimentos políticos e sociais, e tem entre seus desafios a elaboração de uma memória coletiva das experiências lésbicas, enfrentando a invisibilidade. Parte deste esforço teórico e político é justamente o de promover um rompimento com o “indizível”, como nomeia Adrienne Rich (1983). Compartilhando destas formulações e críticas, esta comunicação pretende refletir sobre a experiência da Radio HumedaLes como uma ferramenta de pluralização da cultura lesbiana e de resistência contra a lesbofobia, em suas manifestações diversas. Esta reflexão será feita a partir de pesquisa bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas com integrantes da rádio. Para isso, proponho utilizar textos de duas obras – *La hermana, la extranjera* (LORDE, 2003 [1984]) e *Sobre mentiras, secretos y silencios* (1983) - e os ensaios *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (RICH, 2010 [1980]) e *Romper com o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política* (FALQUET, 2012).

Palavras-chave: Memória. Lesbianidade. Comunicação. HumedaLes. América Latina.

Abstract:

There has been a systematic effort com feminist writers and activists to "break with the heterosexual tabu" (FALQUET, 2012), at least since the 1960, to face the compulsory heterosexuality in a more critique manner and to make your affection continuously more political. This effort goes through many diverse, sometimes crooked, paths, including ruptures and tensioning with other political and social movements, and it has its own challenges to the elaboration of a collective memory of lesbian experiences, facing the obscure. Part of this theoretical and political effort is precisely to promote a break with the “unspeakable”, as Adrienne Rich defines (RICH, 1983). This communication agrees with these wordings and critiques, and intends to reflect on the experience from Radio HumedaLes as a tool of pluralisation of lesbian culture and resistance towards the lesbophobia in its diverse manifestation. This reflection is made based upon bibliographic research and semi-structured interviews with members from the radio. To do so, it is proposed to use texts from two works - *La Hermana, la extranjera* (LORDE, 2003 [1984]) and *Sobre mentiras, secretos y silencios* (1983) and the essays *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (RICH, 2010 [1980]) and *Romper com o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política* (FALQUET, 2012).

Keywords: Memory. Lesbianity. Communication. HumedaLes. Latin America.

Introdução

Em 2018, o Grupo de Pesquisa Lesbocídio, do Núcleo de Inclusão Social (NIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publicou o *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil*

¹Comunicadora social, com ênfase em jornalismo, formada pela PUC-Campinas, e mestranda em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde pesquisa comunicação popular, feminismo e os comuns.

de 2014 a 2017², que estima a morte de mulheres lésbicas no Brasil no período supracitado, por assassinato ou suicídio. O trabalho, de importância inquestionável e ineditismo preocupante, suscitou um misto de medo, indignação e estranhamento nas redes digitais, na mídia tradicional e mesmo nos grupos militantes. O estranhamento, fruto de um apagamento histórico, é uma sensação constante quando algo trata da experiência lésbica e dos afetos entre mulheres.

O soterramento da memória lesbiana, contudo, não se dá sem resistência. Há iniciativas políticas, artísticas, culturais, educacionais e comunicacionais que buscam romper com este silenciamento e elas estão espalhadas pela América Latina. A HumedaLes³, por exemplo, é uma rádio chilena, com transmissão on-line, criada em 2017, a partir da cidade de Concepción, capital da Região de Biobío, “pensada y deseada para vociferar la existencia lesbiana”, como consta em seu site⁴. Em 2018, parte da equipe mudou-se para Santiago e há correspondentes em outros países, como o México. A grade da rádio conta com quatro programas autorais. São eles: 1) *La Trenza Informativa*, um resumo noticioso semanal que vai ao ar toda sexta-feira; 2) *Torta amor, matinal feminista y lesbiano*, um programa matinal, como sugere o nome, que analisa a conjuntura política a partir de uma ótica feminista e dialoga sobre mobilizações feministas no Chile e em outros países; 3) *Señal Hartas*, que fala sobre política feminista e cibersegurança; e 4) *En Búsqueda de la Lesbiana Perdida*, apresentado às terças-feiras, em que as radialistas procuram contar histórias de mulheres lésbicas que foram esquecidas por causa da lesbofobia e do patriarcado. Além disso, a HumedaLes compartilha conteúdos de outras rádios latino-americanas por meio de retransmissões.

A partir destas contribuições, a Radio HumedaLes quer, nas palavras que constam em sua página institucional, contar para as mulheres e meninas que o amor entre mulheres possui um potencial transformador individual e coletivo. “Somos lesbianas, comunicadoras populares, y las invitamos a este baile de HumedaLes, de aguas de sur, de Menoko calmos y antiguos, donde flotan los misterios de toda una historia borrada”⁵, afirma a apresentação. Nesta comunicação, pretendo analisar este trabalho como um rompimento com o indizível e defender a importância de que mais iniciativas da mesma ordem se espalhem por territórios da América Latina e outros continentes.

1. O indizível

² Morta por ser lésbica: um dossiê inédito sobre o lesbocídio no Brasil. The Intercept, 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/03/07/lesbicas-mulheres-mortes/>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

³ Disponível em: <<https://www.radiohumedales.org/>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

⁴ “Nosotras”. Disponível em: <<https://www.radiohumedales.org/home/nosotras/>> Acesso em: 23 jun. 2020.

⁵ Idem.

Todo lo que no es nombrado, no descrito en imágenes, todo lo que se omite en las biografías, lo censurado en las colecciones de cartas, todo lo que se disfraza con un nombre falso, lo que se ha hecho de difícil alcance y todo cuanto está enterrado en la memoria por haberse desvirtuado su significado con un lenguaje inadecuado o mentiroso, se convertirá no solamente en lo no dicho sino en lo inefable (RICH, 1983, p. 235).

A poeta, escritora e professora norte-americana Adrienne Rich (1929-2012) compõe um grupo de feministas lésbicas que dedicaram sua obra (e trajetória política) para denunciar como a memória da experiência lésbica tem sido apagada na história para que a heterossexualidade siga sendo compulsória. Para ela, a suposição de que a maior parte das mulheres é “naturalmente” heterossexual é um problema teórico/político até mesmo para a teoria/movimento feminista. Esta naturalização aconteceria em parte pelo apagamento da existência lésbica e em parte por ser tratada como algo excepcional, “diverso”, mais do que intrínseca da experiência das mulheres, já que esta classificação pressupõe que haja uma norma (RICH, 2010 [1980]).

Ao se debruçar sobre as medidas que asseguram o direito dos homens de acessar o corpo, o trabalho e a subjetividade das mulheres, Rich conclui que um dos meios que reforçam esta licença é deixar invisível outra possibilidade, a das experiências amorosas entre mulheres. Este apagamento inclui, de acordo com a autora, a destruição de cartas e outros registros, deixando apartada da memória coletiva a vasta gama de histórias, saberes e sentimentos compartilhados (Idem).

Diversas contemporâneas de Rich discutiram a lesbianidade como uma experiência política da qual uma memória coletiva foi (e segue sendo) invisibilizada. A escritora e ativista negra Audre Lorde (1934-1992), ao falar de uma energia que existe no interior de todas as mulheres e que está enraizada na potência dos sentimentos que ainda não foram expressados, energia esta que ela nomeia como ‘erótico’ (LORDE, 2003 [1984a]), afirma que, para se perpetuar, o opressor necessariamente corrompe as fontes de poder e de cultura das pessoas oprimidas. No caso das mulheres, o erótico como fonte de poder e transformação é o que o patriarcado teria roubado das mulheres, sobretudo no que diz respeito às trocas eróticas entre pares. O erótico é, para Lorde, uma energia profundamente feminina.

Usos de lo erótico: lo erótico como poder (1984) é uma crítica de Lorde ao patriarcado e a pornografia. A pornografia, para Lorde, é a própria antítese do erótico. “Ahora bien, la pornografía es la negación directa del poder del erotismo, ya que representa la supresión de los sentimientos verdaderos” (LORDE, 2003 [1984a], p. 38). Enquanto a pornografia coloca ênfase na sensação e não no sentimento, o erótico seria um espaço entre a autoconsciência e os

sentimentos mais profundos das mulheres. Trata-se de um sentimento de satisfação que uma vez experimentado, não pode deixar de [querer] ser recuperado: “(...) habiendo experimentado su poder, por honestidad y respecto a nosotras mismas, ya no podemos exigirnos menos” (LORDE, 2003, [1984a], p. 38).

A constatação da queima de arquivo destas experiências, a de trocas afetivas, políticas, sociais, sexuais e eróticas entre mulheres, faz parte da teorização e politização da lesbianidade. A pesquisadora e ativista francesa Jules Falquet (1968-) argumenta que as práticas de reciprocidade entre mulheres somente são toleradas, de maneira geral, quando tratadas como concernentes à vida privada e separadas de práticas sociais. Apesar disso, é justamente a partir da conexão consciente entre práticas sexuais, amorosas e materiais entre mulheres, em detrimento da heterossexualidade e suas normas obrigatórias, ou seja, a partir da experiência lésbica como movimento político, que se produziram verdadeiras revoluções no pensamento e nas práticas feministas (FALQUET, 2012).

Foi a partir destes pressupostos que, nas décadas de 1960 e 1970, surgiu o movimento lésbico, em um contexto de emergência de movimentos progressistas e revolucionários. A decisão de uma organização autônoma de lésbicas nasce da crítica do esquecimento, contradições e insuficiências de outros movimentos sociais e políticos em relação a elas. De acordo com esta análise, havia/há um movimento gay altamente masculinizado e um movimento feminista dominado por mulheres heterossexuais.

Falquet sistematiza ao menos três grandes contribuições que o movimento lésbico concede para os outros movimentos sociais, sendo que a primeira é justamente permitir que estas organizações possam questionar seus próprios limites e insuficiências, sobretudo nos temas da sexualidade, divisão sexual do trabalho e da família. A segunda é a perspectiva de imbricação das opressões que o movimento incorpora, em que teoria e práticas são formuladas – não sem disputas – a partir da materialidade dos lugares de mulheres, negras, lésbicas e proletárias e que representaria uma mudança de paradigma para todo o pensamento social. A terceira grande contribuição das mulheres lésbicas é a completa ruptura com o naturalismo do senso comum sobre sexo e sexualidade. Esta ruptura propõe uma nova prática, aparentemente simples, de questionamento da ideia de que a heterossexualidade seria uma atração natural entre dois sexos. Apesar da aparência, esta ruptura também seria determinante para todas as ciências sociais (FALQUET, 2012).

Adrienne Rich também considera que a politização da experiência lesbiana é um ganho de especial importância para o feminismo. Para ela, se pensarmos a heterossexualidade como algo natural, as outras práticas seguirão sendo consideradas como desviantes, patológicas,

descompensadas, ou apenas “estilos de vida”, enquanto o trabalho e as vidas dessas mulheres desviantes/doentes/descompensadas é desvalorizado e tratado em termos da “inveja do pênis”, erotismo reprimido ou simplesmente ódio aos homens (RICH, 2010 [1980]).

Quando, entretanto, alteramos o ângulo da visão e passamos a encarar de modo crítico a hegemonia heterossexual, torna-se possível não somente inverter a valorização do trabalho e das vidas individuais, mas também constatar que sempre houve resistência à tirania masculina. Para Rich, um “feminismo de ação” pode nos ajudar a historicizar a rebelião radical das mulheres, não somente em situações de “revolução concreta”, mas mesmo nos momentos em que a ideologia masculina não a tenha definido como revolucionária (RICH, 2010 [1980]).

2. O rompimento

No artigo *La transformación del silencio em lenguaje y acción* (1984), que fala principalmente da experiência de ser uma mulher negra nos Estados Unidos, Audre Lorde propõe uma “guerra contra la tiranía del silencio” (2003 [1984b], p.21). Neste mesmo sentido, em outro texto, ela afirma que a poesia é o principal instrumento das pessoas pobres, sobretudo das mulheres de cor e ela estabelece um diálogo crítico com as interdições para que as mulheres escrevam, apresentadas no famoso ensaio de Virginia Woolf, *Um teto todo seu* (1929).

Em *Edad, Raza, Clase y Sexo: Las Mujeres Redefinen la Diferencia*, Lorde (2003 [1984c]) defende que a poesia é, de todas as formas de arte, a mais econômica: pode ser escrita entre turnos, na copa do hospital, no transporte público e em retalhos de sobra de papel. “Puede que para escribir prosa sea necesario disponer de una habitación propia, pero además también hacen falta unas resmas de papel, una máquina de escribir y mucho tiempo” (LORDE, 2003 [1984c], p.124).

A feminista e teórica chicana Gloria Anzáldua (1942-2004) também propõe uma escrita comprometida mais com a transformação da linguagem em ação, do que com as formas, as abstrações, as regras, as neutralidades e as conciliações. Em *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (2000), Anzáldua faz um convite a uma nova ordem, com menos silêncios e soterramentos da memória.

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem

mordaças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos. Com amor, Gloria (ANZÁLDUA, 2000, p. 235).

O que Lorde e Anzáldua e nos propõem, em sua riqueza de escritos e, conseqüentemente, da heterogeneidade de suas contribuições, é uma linguagem que não deseja se reconciliar com seus opressores, tampouco adequar-se aos seus modos. Trata-se, como disse Lorde, de transformar a linguagem em ação, e utilizá-la como materialidade da utopia, rascunho de um mundo novo, tal qual, defendo aqui, faz a rádio HumedaLes.

3. A Rádio HumedaLes

A Rádio HumedaLes é construída por mulheres lésbicas autônomas e feministas radicais. Trata-se de uma rádio on-line, livre, comunitária, feminista e lesbiana, de acordo com a linha editorial que está disponível em seu site⁶, que entrou no ar pela primeira vez em julho de 2017. Antes disso, as comunicadoras que hoje compõem esta iniciativa apresentavam um programa em outra rádio comunitária. Geograficamente, o grupo que gesta a rádio começou as atividades no sul do Chile, na cidade de Concepción. Desde 2018, parte da equipe se mudou para Santiago e há correspondentes em outros países, como o México.

Tamy Cenamo, que estava no Chile quando a rádio foi criada e hoje está no México, justamente, afirma que a rádio é um projeto de um grupo de mulheres que trabalha junto e, além disso, vive junto, materializando uma proposta de vida compartilhada, de fato. Na casa onde moram, acontecem oficinas, debates e outras atividades que dialogam com a linha editorial da rádio. Para elas, a HumedaLes é uma boa forma de manter as discussões internas e também de alcançar outras pessoas. “A rádio, para nós, também é uma excelente forma de gestionar comunidades. Ela, por exemplo, te obriga a ter um amplo contato territorial com o povo com o qual você quer lidar” (CENAMO, 2019).

O nome escolhido, que significa “zonas úmidas” (tradução livre), faz referência ao território, mas também à experiência das mulheres lésbicas:

Surgimos geográficamente en el inicio del sur de Chile, es decir, en parte de Wallmapu, donde convivimos con el río Bío Bío, ciudad de Concepción, construida sobre el valle de la Mocha, que contiene diversas lagunas y humedales, todos en riesgo y amenaza constante, principalmente por la industria inmobiliaria. Como lesbianas feministas conscientes del territorio

⁶ “Editorial”. Disponível em: <<https://www.radiohumedales.org/home/linea-editorial/>> Acesso em: 23 jun. 2020.

que habitamos y hemos habitado, relevamos la importancia de los humedales, que por cierto nos evocan a nuestros cuerpos de mujeres, llenos de agua, vivos y húmedos. El agua y la humedad forman parte del ecosistema y de nuestro cuerpo, y permiten nuestra sustentabilidad⁷.

Zicri Orellana, outra componente da HumedaLes, relata que, em 2013, as atuais comunicadoras da rádio conheceram uma mulher sobrevivente da ditadura de Augusto Pinochet (1915-2016). Edelmira Carrillo Paz, que faleceu em 2019, era feminista e radialista e compartilhou com este grupo um pouco sobre suas experiências com a comunicação. Isso aconteceu no contexto dos 40 anos do golpe militar no Chile (que ocorreu em 1973), em que houver diversas atividades organizadas por feministas para marcar a data. A partir desta troca, uma das atuais radialistas começou um programa na rádio comunitária e popular Lorenzo Arenas. Este programa se chamava *Las Malas Lenguas* e fazia análises políticas feministas e lésbicas (ORELLANA, 2019).

O programa foi sendo construído de maneira coletiva e muitas lésbicas eram convidadas para participar da programação. Esta foi a primeira experiência de rádio do grupo que hoje faz parte da rádio HumedaLes. Depois de 80 programas, elas decidiram sair da Lorenzo Arenas com o objetivo de ter uma rádio que fosse feminista, lésbica, pensada por mulheres, encaminhada por mulheres e destinada para mulheres.

A HumedaLes tem relações com diversos movimentos sociais e políticos da América Latina. Uma das propostas da rádio é servir como instrumento de denúncia das violações dos direitos das mulheres, dos discursos e crimes de ódio e da exploração da natureza e dos territórios, que está presente em toda a América Latina, mas não somente. O objetivo é que a rádio também seja um canal de difusão de alternativas, de criações, de transformações e projetos que são construídos por mulheres, lésbicas e feministas (ORELLANA, 2019).

Para Orellana, um ponto importante sobre os cuidados que a gestão da rádio demanda é a responsabilidade de falar para um conjunto heterogêneo de pessoas sem abrir mão da linha editorial da HumedaLes. De acordo com sua análise, em um mundo que mantém velhos modos e sempre encontra novas maneiras de naturalizar a heterossexualidade e a feminilidade, é preciso que as mulheres lésbicas saibam exatamente que lugar ocupam no mundo. “As lésbicas rompem e desarmam essas ideias que são hegemônicas no patriarcado. Então, visibilizar, dar voz para as lésbicas através de uma rádio, é um ato revolucionário” (ORELLANA, 2019). Por meio da comunicação:

⁷ Línea editorial. Disponível em: <<https://www.radiohumedales.org/home/linea-editorial/>> Acesso em: 23 jun. 2020.

(...) há a possibilidade de algumas lésbicas ouvirem as vozes de outras lésbicas que estão talvez mais empoderadas do corpo e da existência mesmo, mas em um mundo onde as lésbicas ainda são marginalizadas, é super importante ter uma rádio, porque isso é ter um poder. Um poder que é utilizado para validar, posicionar e mostrar a existência lésbica como uma existência válida, como uma existência maravilhosa, criativa, uma possibilidade mesmo para todas as mulheres, então é bem revolucionário para nós, é uma rebeldia para sair do silêncio da sociedade sobre as lésbicas (ORELLANA, 2019).

CenamO afirma que a rádio on-line impõe desafios para o arraigamento territorial, ao mesmo tempo em que possibilita o contato com comunicadoras e ouvintes de várias outras partes do mundo, formando uma rede de articulação extensa, sobretudo pela América Latina (CENAMO, 2019). Para Orellana, além disso, a potencialidade da rádio está em apresentar alternativas, uma possibilidade de mundo para quem a escuta (ORELLANA, 2019).

Considerações finais

Quando se fala de experiências de trocas potentes entre mulheres, há um vazio no imaginário social. Quase toda a referência que se tem sobre as mulheres lésbicas foi informada justamente pela aversão à lesbianidade. Seja por meio do ato de mercantilizar e fetichizar tais experiências por meio da pornografia, por exemplo, que Audre Lorde (1984) considerou como o oposto da potência da energia de/entre mulheres, seja pela repulsa ao estereótipo que constrói a lésbica como agressiva, grosseira, quase animalesca.

Há ainda um apagamento que se propaga justamente como inclusão. Conforme pontou Jules Falquet (2012), simetrizar as experiências de mulheres e homens homossexuais é ignorar o peso que as normas patriarcais têm para as mulheres. Embora haja, de fato, pontos em comum nas duas experiências, desconsiderar o duplo estigma vivenciado por lésbicas é contraproducente e injusto.

Do mesmo modo, pensar sexualidade na América Latina sem considerar como operam, historicamente, o racismo e o classismo, torna qualquer análise muito pouco fiel à realidade. Há, portanto, um enorme espaço a ser preenchido por discussões que visibilizem a lesbianidade, suas potências e desafios neste território. A comunicação, neste sentido, cumpre destacado papel para tornar debates públicos, para promover diálogos e deixar imagináveis outros mundos possíveis, embora distantes neste momento histórico.

A comunicação é uma ferramenta de rompimento com o indizível. Este que, como nos alerta Adrienne Rich (1983), é mais do que o que não foi dito. É o que vai se tornando inacessível, inimaginável, impossível de ser comunicado. A rádio HumedaLes é uma

materialização desta possibilidade, uma pequena semente que, em terras úmidas, não deixa morrer a certeza de que há resistência e sempre haverá.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

CENAMO, Tamy. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira Benedito. São Paulo, maio 2019.

FALQUET, Jules. Romper com o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. Tradução: Renato Aguiar. *Cadernos de Crítica Feminista*, Ano VI, n. 5, p. 8-31, 2012.

LORDE, Audre. Usos de lo erótico: lo erótico como poder. In: LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. Madrid: Editorial Horas y Horas, 2003 [1984a].

_____. *La transformación del silencio em lenguaje y acción*. In: LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. Madrid: Editorial Horas y Horas, 2003 [1984b].

_____. Edad, raza, clase y sexo: las mujeres redefinen la diferencia. In: LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. Madrid: Editorial Horas y Horas, 2003 [1984c].

ORELLANA, Zicri. Entrevista concedida a Fabiana de Oliveira Benedito. São Paulo, maio 2019.

RICH, Adrienne. "Es la lesbiana que hay in nosostras..."(1976). In: RICH, Adrienne. *Sobre mentiras, secretos y silencios*. Barcelona: Icaria Editorial, 1983.

_____. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010 [1980].